

Rodrigo Constantino: um conservador radical

RESUMO:

Rodrigo Constantino é alguém que não se preocupa com rótulos ou posições “simpáticas”, e talvez por isso cometa alguns exageros de ênfase ao expor suas opiniões, mas em tempos de radicalização ideológica, quando a capacidade de conviver com contrários parece estar se perdendo, é interessante ouvir o que um dos lados tem a dizer de maneira apaixonada e até parcial, um contraponto necessário à paixão e parcialidade aparente do outro lado.

AUTORA:

Wanda Camargo – professora aposentada da Universidade Federal do Paraná e assessora da presidência do Complexo de Ensino Superior do Brasil – UniBrasil.

O polemista Rodrigo Constantino proferiu palestra na noite de 07 de abril de 2016; antes do evento movimentaram-se opiniões extremadas contra e a favor, o que dá a medida de sua importância.

Rodrigo Constantino é economista, com MBA em Finanças, e trabalhou por vários anos no mercado financeiro. É autor de vários livros, entre eles o best-seller “Esquerda Caviar”, a coletânea “Contra a maré vermelha” e “Privatize já!”. Foi colunista da Veja e é colunista de importantes meios de comunicação brasileiros, como os jornais “O Globo” e “Gazeta do Povo” e a revista “Isto É”. Conquistou o Prêmio Libertas no XXII Fórum da Liberdade.



Preside o Conselho Deliberativo do Instituto Liberal, que propõe promover a pesquisa, a produção e a divulgação de ideias, teorias e conceitos sobre as vantagens de uma sociedade baseada no Estado de Direito; na democracia representativa; na economia de mercado e na descentralização do poder. E, ainda, levar ao conhecimento público as vantagens de uma sociedade estruturada de acordo com os princípios da livre iniciativa; da propriedade privada; do lucro; da responsabilidade individual; e da igualdade de todos perante as leis.

Ele entende a liberdade como ausência de coerção de indivíduos sobre indivíduos, e requisito necessário à condição humana: apenas em regime de liberdade se desenvolvem plenamente as potencialidades individuais. A evidência histórica demonstra claramente que a liberdade econômica é o ingrediente mais importante da prosperidade material dos povos e, além disso, que a liberdade econômica é condição necessária, embora não suficiente, da liberdade política e da própria liberdade em seu sentido mais genérico.

Constantino, no calor de vários momentos, já propôs a privatização da Floresta Amazônica e até mesmo a divisão do Brasil em dois países: Brasil do Norte e Brasil do Sul. É possível que ele mesmo tenha ficado surpreso quando essas provocações foram levadas demasiadamente a sério, pois se tratam de desabafos de um intelectual atento ao que se passa em seu país e que, no desespero de constatar que os poderes públicos aparentemente não se importam com o horror que estão criando

e deixando criar, apela para a “reductio ad absurdum”, redução ao absurdo, recurso de lógica retórica em que se assume uma consequência disparatada para dada hipótese, como forma expedita de negá-la. Infelizmente, é o próprio momento do país que é absurdo.

Nas palavras de Rodrigo Constantino:

O Brasil foi como uma cigarra que ganhou na loteria e não se preparou para o inverno. Esta loteria apoiou-se em dois pilares externos ao país e dois internos:

1º pilar externo: a China abriu-se ao capitalismo na década de 1980, começando a promover uma revolução industrial tardia, usando seu enorme potencial de mão de obra e crescendo a dois dígitos anuais. Apresentou grande demanda de recursos naturais, de que o Brasil é rico. Inundou o mercado mundial de produtos manufaturados baratos, gerando consumo sem pressão inflacionária.

2º pilar externo: após a crise de tecnologia do início dos anos 2000, os bancos centrais dos países industrializados liberaram vastas quantidades de dinheiro, produzindo uma bolha imobiliária, e quando a bolha estourou reforçaram a dose do remédio aumentando mais ainda a liquidez, o que a própria Dilma Rousseff chamou de ‘tsunami monetário’. Com muito capital disponível, o mundo investiu pesadamente nos países emergentes.

Normalmente expansão monetária tende a gerar inflação; isso não ocorreu por causa dos produtos baratos que a China exportava.

1º pilar interno: o PT afirmou que recebeu uma herança maldita ao assumir o governo do país, na verdade recebeu o que se pode chamar de herança bendita, um tripé macroeconômico composto de Câmbio Flutuante, Responsabilidade Fiscal e Banco Central autônomo perseguindo metas de inflação determinadas. A manutenção dessas políticas contribuiu muito para o sucesso do primeiro mandato de Lula.

2º pilar interno: o bônus demográfico, uma grande população jovem, ingressando no mercado de trabalho e permitindo um relativo controle das contas da Previdência Social.

Lula assumiu o governo em uma rara janela de oportunidade e, junto com seu partido, usou o momento para um projeto apenas de poder, sem considerar as questões do país.

O palestrante ainda arrola como malfeitos do Partido dos Trabalhadores:

_A Nova Matriz Macroeconômica: ignora os fundamentos da teoria econômica. O governo tudo pode e é a grande locomotiva do progresso, pode criar créditos meramente dando instruções a bancos públicos. Desrespeito a todas as leis econômicas existentes. O Banco Central deixa de ser independente; o Câmbio deixou de ser flutuante; gastança desenfreada bancada por bancos públicos. Intervencionismo: Dilma baixa as taxas de juros por decreto, manipula preços da Petrobrás e de energia elétrica, com as consequências inevitáveis e conhecidas.

_Política externa: há duas opções básicas que um país pode escolher em termos de blocos econômicos e comerciais: ser “rabo de baleia” aceitando a posição de sócio menor de países mais ricos; ser “cabeça de sardinha”, associando-se em posição de liderança com países mais pobres. O PT inovou, escolhendo ser “rabo de sardinha”, submetendo o Brasil aos interesses e ideologias de países como Bolívia e Venezuela. Isso vem ao encontro do forte viés ideológico do PT, que juntamente com Cuba e outros expoentes do socialismo latino fundou, em 1990, o Foro de São Paulo, que pretendia resgatar o que se perdeu com a derrocada do comunismo no leste da Europa.

_Estrago institucional: o partido procedeu a um vasto aparelhamento do Estado, criando e ocupando mais de vinte mil cargos de assessoramento em praticamente todos os órgãos do Governo. Em seu projeto e visão golpistas, o partido, o Governo e o Estado são uma coisa só, a serviço do primeiro. Nesse sentido foram feitas várias tentativas de calar a imprensa, ocupar os tribunais superiores, comprar congressistas, ocupar todos os espaços.

_O pior estrago foi o cultural, a degradação de valores, o cinismo, a mentira. Não quero que minha filha cresça em um país em que empresário é visto como canalha e as leis valem apenas se servirem aos interesses do grupo no poder.

Mas Rodrigo não é apenas pessimista, segundo ele ainda se pode olhar para o



futuro e tentar ver o copo meio cheio, pois há ventos de mudança favoráveis ao Brasil:

_Os jovens acordam, através das redes sociais informam-se, debatem, vão às ruas. Desafiam velhos dogmas que alguns professores procuram lhes impor nas universidades.

_Muitos partidos políticos tem agudo senso de oportunidade e veem claramente para onde o país se inclina, e quais são as necessidade e aspirações da população.

O palestrante considera que muitos intelectuais e artistas parecem ter hibernado nos últimos trinta anos e não viram a queda do muro de Berlim, o fim do império soviético, as mudança ocorridas nas relações comerciais e pessoais, e continuam falando de Socialismo e Comunismo, em pleno século XXI; e “o PT saiu do discurso do “nunca na história deste país” para o de “sempre na história deste país isso foi feito”, para justificar suas já provadas práticas corruptas.

De fato, há corruptos em quase todos os partidos, mas não são tratados como heróis, não roubam institucionalmente com a dimensão do que se fez e não explicam seus roubos com projetos autoritários de conquista e manutenção de poder”.